

ROSEANA MURRAY

O CHÃO DA MEMÓRIA



Ficha Catalográfica:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Murray, Roseana

O chão da memória [livro eletrônico] / Roseana Murray. -- Saquarema, RJ : Residência no Ar Edições Digitais, 2025.

PDF

ISBN 978-65-85568-20-3

1. Lembranças da infância 2. Mulheres - Autobiografia 3. Memórias autobiográficas
4. Murray, Roseana, 1950- 5. Narrativas pessoais
I. Título.

25-324366.0

CDD-920.72

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Autobiografia 920.72

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

A P R E S E N T A Ç Ã O



O leitor, quando ama um autor, seja poeta ou romancista, tem curiosidade em saber coisas da sua vida.

Eu adoro!

Escrevi essas pequenas crônicas para quem gosta do que escrevo.

Falo um pouco da minha infância nos anos 50 e adolescência nos anos 60.

Varrer nosso Chão de Memórias com vassoura de luz às vezes dói.

Tudo fica tão presente.

Mas tudo o que vivemos nos fez como somos.

Roseana Murray, poeta sobrevivente

Minha mãe disse:
não me lembro do navio.
Meu pai disse:
não quero me lembrar.
A casa era bela, cheia de sol.
Muito tempo já havia escorrido,
até que eu nascesse ali.
Mas quando cresci,
quando havia tempestade,
ouvia um navio lá longe,
no meio do mar,
que estalava e rangia
a dor daqueles que carregava
e que me passaram,
como se fosse um punhado
de neblina.



FLORES AZUIS

Na entrada do prédio havia um jardim. As flores azuis refletiam o céu. Rua Araxá, no bairro do Grajaú, no R.J. Foi ali que cheguei e vivi, até os cinco anos.

Ao subir a rua, virar à direita, chegávamos até uma praça encantada, onde a felicidade se espalhava em ondas dentro do meu pequeno corpo.

Costumava brincar nas escadas sozinha com minhas bonecas.

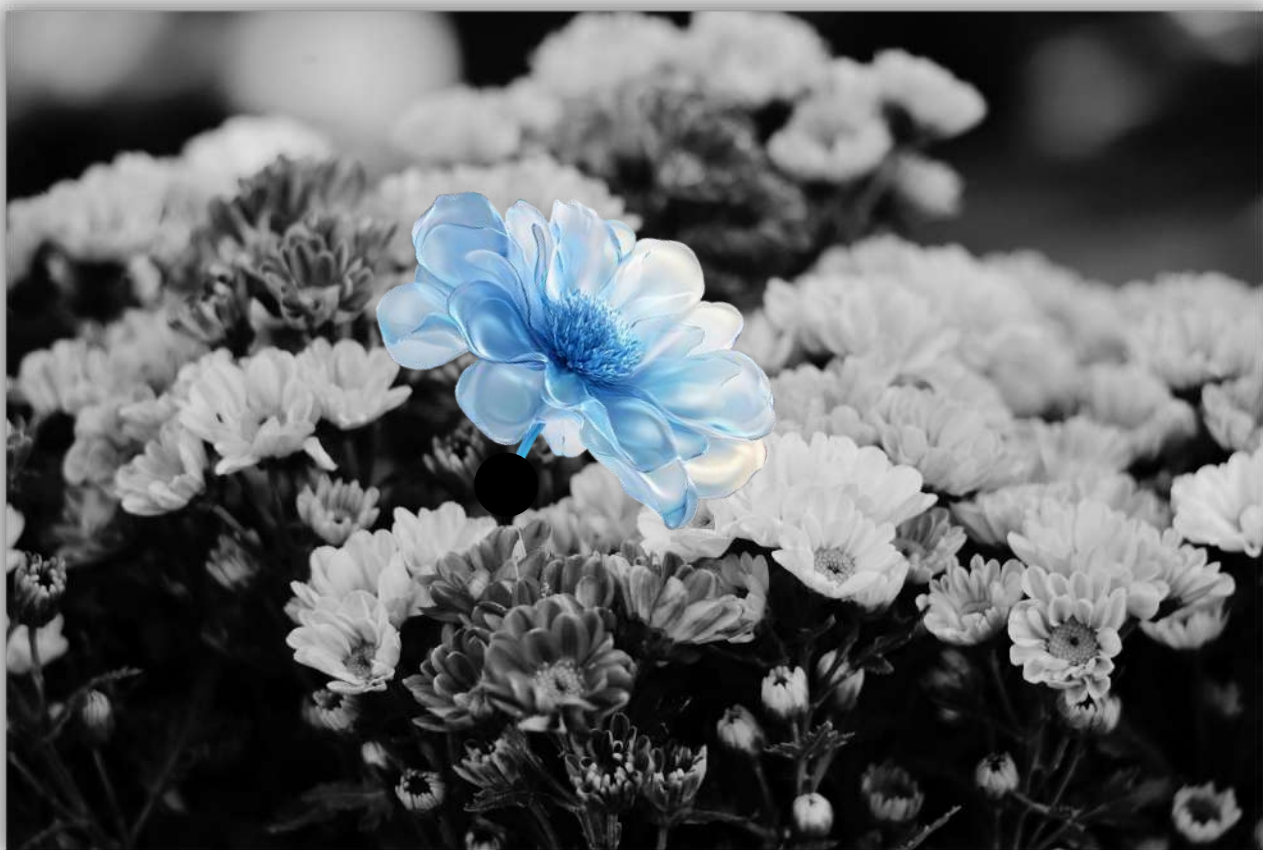
As primeiras amigas de quem tenho lembrança, moravam no prédio e são um ponto luminoso. Não me lembro do meu pai em casa e pouco da minha mãe. Mas sim do pai das minhas amigas Eliane e Liliane, que nos deixava vê-lo fazer a barba e a espuma em seu rosto era fascinante. Ao olharmos da porta do banheiro, nós três juntas, vejo um homem com uma barba toda branca. Ele lava o rosto com cuidado e a barba desaparece.

Vejo a chegada da minha irmã Evelyn, um embrulho no meio da cama. Ela nasceu prematura, porque quase pulei do terceiro andar para ir à feira com a minha mãe. Eu queria beber meu leite de colherinha. Minha babá dizia que não e minha mãe desceu. A babá me levou até o quarto dos meus pais e fechou a porta. A janela estava aberta.

Arrasto o banco da penteadeira para ver minha mãe lá embaixo e grito: - mãe, me espera!

Minha mãe começa a gritar e meu irmão Jacob entrou no quarto e me tirou da janela a tempo. Foi assim que minha mãe foi para o hospital e minha irmã nasceu.

E subitamente nos mudamos e já estou em outra casa.



A noite cabe na concha
das mãos,
quando debruçada
na amurada do mundo.
As estrelas estalam seu brilho,
trazem um grão do silêncio
cósmico.
Pedacos de sonhos vagueiam
feito espuma.



NO PÁTIO

Morar no térreo era bom. Mas os filhos do Seu Waldemar, Roberto e José, jogavam coisas lá do segundo andar do sobrado, que caíam em nosso pátio, onde Eunice pendurava a roupa lavada. Ela ficava furiosa.

Eunice era a figura central da nossa infância. Cuidava de tudo e nos enchia de amor.

A casa ficava ao lado da loja, mas nos fundos de um pátio que me parecia imenso. Aí aconteciam as brincadeiras, mas com os vizinhos. Não sei porque, as minhas amigas da escola não vinham para brincar.

Na esquina, a loja do Seu Waldemar vendia louças e panelas. As xícaras floridas me encantavam. Eu ia sempre visitá-las. Adorava aquela loja. Sua mulher se chamava Sara e era prima da minha mãe.

Eu tinha muita liberdade. Ia até a casa da minha avó Fayga numa vila. Ao sair da loja do vizinho, seguia pela mesma calçada, andava a rua inteira e chegava lá.

Havia um banco no fim da vila. A casa da avó era a última.

Dessa época tenho uma foto nesse banco, vestida de bailarina.



A criança abre uma porta
da sua casa invisível,
feita de doces, vaga-lumes
ou de nuvens e deixa entrar
três amigas de cada vez.
Para dançarem com o sol
ou com a chuva,
a ciranda das maravilhas.



TRÊS AMIGAS

Fiz três anos do Primário, na E.M. Francisco Manuel. Ao chegar nos reuníamos no pátio. Cantávamos o Hino Nacional, asteávamos a Bandeira, ficávamos em fila por ordem de tamanho. Mas a ordem em que tudo isso acontecia, não me lembro.

Tinha três amigas: Olga, Loni e Nely.

Olga era muito pobre e suas mãos cheiravam a água sanitária, pois todos os dias ajudava a sua mãe lavadeira.

Era criança como eu e já trabalhava.

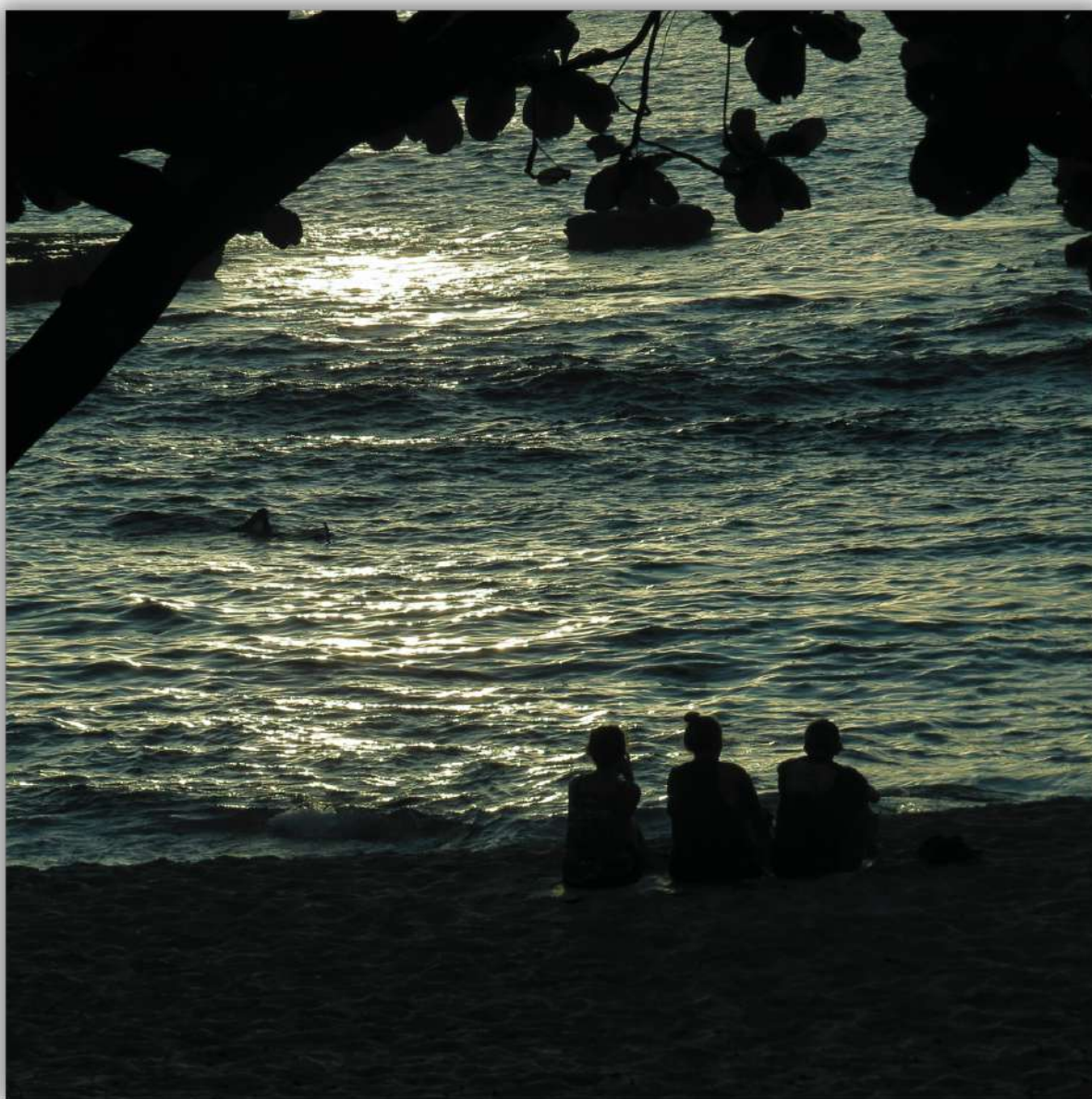
A Loni era judia também e ficávamos no pátio vazio quando havia na classe aula de catecismo.

Meu maior programa era brincar na casa da Nely.

A sua casa era muito diferente da minha. Os pais inventavam brincadeiras com a gente e o lanche era maravilhoso.

No quarto ano me trocaram de escola , foi quando nos mudamos outra vez de casa. Um sobrado amarelo na Rua Caruaru 40.

Fui para o Colégio Hertzlia e nunca mais encontrei as três amigas.



Mudar de casa
é como mudar de vida.
É um perde e ganha,
mesmo que a mudança
não seja um jogo.
Em muitas noites, os sonhos,
vão buscar os antigos lugares.
Até que, pedaço por pedaço,
o corpo e a alma
se ajeitam no quarto.



INICIAÇÃO

O Colégio Hertzlia foi a minha iniciação no sofrimento. A Professora Ligia zombava de mim quando eu não sabia alguma coisa e a turma acompanhava rindo. Eu era ótima aluna na Escola Pública, mas nesta escola, onde era desprezada, ia ladeira abaixo.

Eles já estavam no quarto ano de hebraico e eu nunca havia estudado a língua, por isso fui para a turma do primeiro ano, com os iniciantes. Eram todos muito pequenos e eu já tinha 10 anos.

Na primeira aula comecei a chorar. E a Professora me acolheu, me abraçou e me jurou que aprenderia rápido. Posso vê-la mas não me lembro do seu nome.

Porém, todo o meu sofrimento foi recompensado. Nessa turma reencontrei a Sheila, que esteve comigo no Maternal Tic-Tac e nos tornamos grandes amigas.

Estudamos juntas durante os meses das férias e pulamos o Admissão!

Fomos para o Hebreu Brasileiro fazer o ginásio e pude acompanhar a minha antiga turma nas aulas de hebraico. Mas dessa vez, não foram hostis comigo.

Cheguei a falar hebraico muito bem. Hoje me lembro apenas de poucas palavras.

O Colégio Hebreu Brasileiro me deu muitos presentes e revelações.

Soube o quanto era incapaz, mas totalmente, de aprender matemática, desenho geométrico e qualquer tipo de matéria das exatas.

Era incapaz de jogar vôlei. Na verdade, não era capaz de jogar nada. Detestava Educação Física.

Mas ganhei duas amigas novas: Ana Haimson e Toba.

Não me sentia pertencente a nenhum grupo de meninas vaidosas. Eu me sentia feia, um pouco estranha.

O outro presente foi a Professora Rosa Hermann. Ela gostava das minhas redações e isso me dava muita alegria.

Eu a amava de verdade, e ainda a amo. Sem saber, ela fez de mim uma leitora e escritora.



Na fotografia, ele e ela
estão radiantes,
ainda jovens, planejam
os dias de sol,
as noites estreladas.
O amor é a bússola
em terra.
Cada um no seu tempo,
os dois,
deixaram a Polônia
desenhada no mapa
e aportaram na Praça XV.



FAMÍLIA

Pai e mãe: Lejbus/Luis e Brenda/ Bertha. Traduziram seus nomes, meu pai se naturalizou quando eu já era adolescente. Mas não passou o nome legalmente para o português.

Minha mãe chegou com quatro anos e meu avô a registrou como brasileira no cartório, em Campos, R.J, pagando multa e ficou Bertha.

Mas , como um quadro onde o pintor fez por cima uma nova pintura, por baixo continuaram a ser judeus poloneses. Carregavam seus medos no corpo. Meu pai, com seu silêncio sobre o que viveu lá, minha mãe, sempre muito assustada. Isso, apesar de chegarem ao Brasil na década de 20, bem antes da II Guerra.

Mas o antissemitismo foi sempre.

Meu pai se casou viúvo com a minha mãe e herdei dois irmãos : Jacob e Israel.

Apesar de serem judeus, meus pais não eram praticantes. Seu Luis era um judeu em tudo, ia à Sinagoga nos dias santos, todos os seus amigos eram judeus, sabia ler em hebraico, pois frequentou a Ieshiva, a escola de religião em Denkóv, na Polônia, mas era um judeu progressista e não falava de religião. Era de esquerda.

Até a Eunice, nossa faz-tudo em casa, sabia fazer comidas judaicas. O seu bolinho de peixe era o melhor do mundo e ainda sabia falar palavrões em ídiche, meu pai ensinava!

Minha mãe não tinha absolutamente nada dos rituais da minha avó, sua mãe, Fayga Gutman. A mãe do meu pai morreu muito cedo. Chava Kligerman. Lembro vagamente de uma mulher muito alta. Feito uma sombra.



Acender as velas sussurrando
os nomes de quem já se foi,
como se estivesse amarrando
as pérolas de um colar.
Os nomes voam,
são luzes na memória.
As velas escorrem
suas lágrimas, pronto,
já é Shabat.



FAYGA

Minha avó Fayga tinha uma relação linda comigo, de puro amor, quase sem palavras, ela falava português bastante mal.

Na primeira adolescência eu já sabia hebraico e rezava com ela.

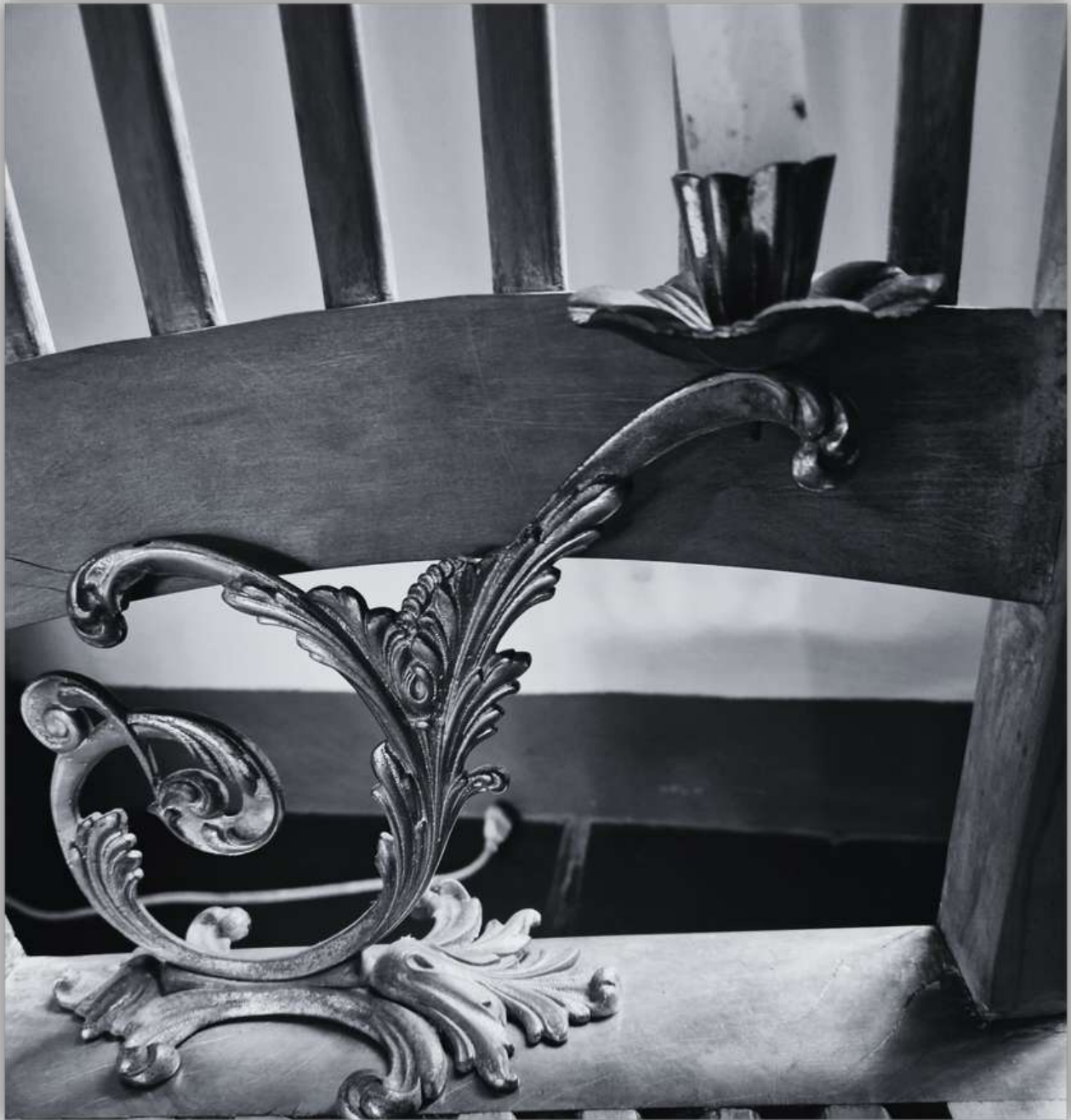
Minha avó fazia biscoitos de nata para mim. Era o suprasumo do cuidado. Ela sabia que eu amava.

Vivia rezando, com um xale de renda na cabeça. Era religiosa, mas não ultra religiosa, pois não usava peruca ou lenço para esconder os cabelos.

Eu adorava ir na sua casa, estar com ela.

Já meu avô, que na Polônia recebeu o nome Kalman, quando chegou aqui era Carlos.

Ele não se comunicava comigo, eu era invisível, por isso não o amava.





Nas águas calmas
da baía,
na grandeza da montanha,
uma vida provisória:
é como entrar
dentro de um conto,
e essa felicidade fosse
as contas coloridas
que as bordadeiras usam
para enfeitar um vestido.



PAQUETÁ E PETRÓPOLIS

Em duas férias fomos para Paquetá.

A água limpa e morna.

Éramos bastante livres. Alguém nos cuidava no mar, andávamos de bicicleta por todos os lugares.

Na travessia de barca, os golfinhos eram a miragem mais bela.

Meus pais alugavam a casa, mas não os vejo no chão da memória. Vejo meu irmão Israel encostado no muro, cheio de mocinhas em volta. Lembro dele tão belo.

Chegamos em Petrópolis, em um hotel que parecia uma cidade, tão grande, aos olhos de uma criança.

Fui no carro do tio com a tia e as primas.

A vida das crianças transcorria em outros espaços, longe dos adultos.

Fiz uma nova grande amiga. Foi um grande amor de amizade, embora não me lembre nem do seu rosto, nem do seu nome.

Na volta, senti a dor da separação. Eu a perdi. Nunca mais nos vimos ou nos comunicamos pelo telefone preto da loja do meu pai.



Onde o mundo
de brincadeiras e descobertas,
as pracinhas, algodão doce,
jogo da amarelinha?
A menina cresceu
e o primeiro beijo
está bem guardado
numa caixa de tesouros.



GINÁSIO HEBREU BRASILEIRO

Ao entrar no Colégio Hebreu Brasileiro, deixo a minha infância como se deixa um país.

Participo de Movimentos Judaicos. Primeiro o "Bnei-Akiva", religioso.

Mas o meu momento religioso passa. Vou para o "Shomer A Tzair," o Movimento que fez o Levante do Gueto de Varsóvia.

O Shomer me ofereceu várias dádivas: meu primeiro amor, com beijo na boca. Minha primeira paixão linda e louca.

Eu tinha 14 anos e ele 17. Flávio me ofereceu literatura, Sartre e Kafka! Era um rebelde e sumiu no vento, me deixando despedaçada .

No Shomer escrevi uma peça que foi encenada pelas crianças pequenas, inspirada na Emília. Minha única peça.

No Shomer fiz parte de um grupo de dança folclórica de Israel e dançamos num palco do Clube Monte Sinai. Mas saí do Shomer, pois era um movimento sionista e éramos preparados para emigrar para um Kibutz, e eu não queria viver longe do Brasil.

Ao terminar meu quarto ano do antigo ginásio fui para o Colégio Lafayette, para o Clássico.

Fiz um amigo , o Rômulo. Íamos juntos às passeatas contra a Ditadura, ao cinema Paissandu. Conversávamos. A Ditadura rosnava.

Foi então que comecei a namorar de verdade e me casei com 17 anos e tive um filho com 18 e me encontrei com a solidão, a tristeza dentro do casamento. Mas escapei de ser presa pela Ditadura. Rômulo foi preso e torturado.

Meu amado filho André era um sol, alegre, iluminava qualquer lugar e eu era uma pessoa perdida de mim.

Mas em 1977 comecei a escrever para o meu filho que já nasceu leitor. Não foi fácil publicar o Fardo de Carinho, em 1980.

Em 1973 nasceu meu segundo filho, Gustavo. Quieto, introvertido, sempre filosofando. Meu amado filho músico. Fui a melhor mãe que consegui ser, apesar da minha grande melancolia.

Estudar francês por 9 anos me salvou. Ser leitora me salvou. Escrever me salvou muitas vezes. Meus filhos me salvaram muitas vezes.

E um dia me separei do meu primeiro marido e me encontrei. Eu estava à minha espera no fundo do abismo.



FICHA TÉCNICA

“O Chão da Memória”

AUTORA

Roseana Murray

ILUSTRAÇÃO

**Pesquisa Canva
Arquivos da autora**

PROJETO GRÁFICO

Jidduks

ISBN nº 978-65-85568-20-3

Clique Aqui